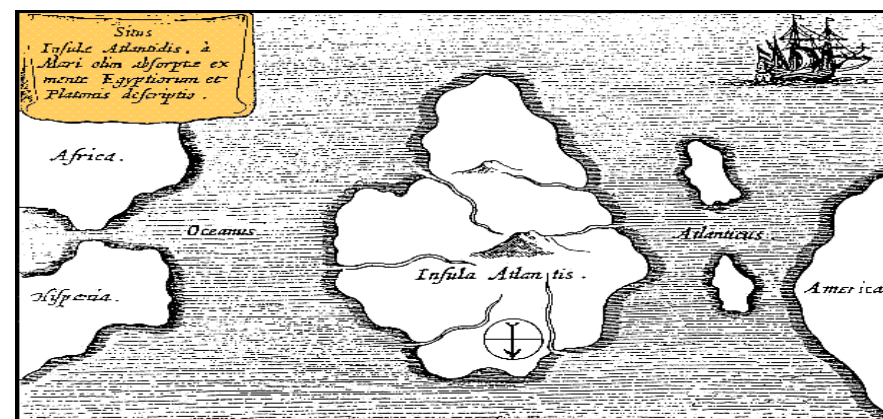


CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

REVISTA DE ESTUDOS LUSÓFONOS, LÍNGUA E LITERATURA, DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

CADERNO Nº # 31 - EDIÇÃO março 2016

DEDICADO A CAROLINA CORDEIRO



CADERNO Nº # 31 - EDIÇÃO março 2016

DEDICADO A CAROLINA CORDEIRO

Todas as edições em linha em <http://www.lusofonias.net>

Editor AICL - Colóquios da Lusofonia

Chrys Chrystello editou este número, Fotos © Carolina Cordeiro

COORDENADORES DOS CADERNOS - Helena e Chrys Chrystello

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)

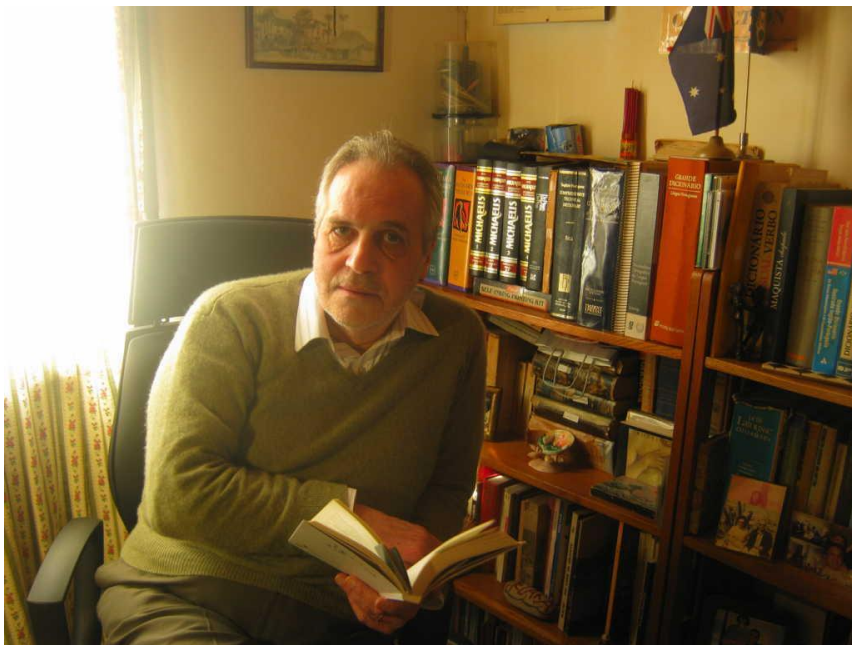
Editado por  © TM®

COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA –

Revisto em **janeiro de 22**

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115



NOTA INTRODUTÓRIA DO EDITOR, CHRYS CHRYSTELLO

No XI Colóquio da Lusofonia na Lagoa em 2009 (4º Encontro Açoriano), decidimos obviar ao fim do Curso de Estudos Açorianos na Universidade dos Açores¹ e organizar na Universidade do Minho, Braga, com a colega Rosário Girão, um Curso Breve “AÇORIANIDADE(s) e INSULARIDADE(s)”.

A partir desse ano, diversos alunos de mestrado da Universidade do Minho, entre outras, trabalharam autores açorianos traduzindo excertos para francês e inglês e tais autores açorianos foram incluídos em doutoramentos e mestrados na Polónia e Roménia.

Decidimos então criar no nosso portal AICL (www.lusofonias.net) os Cadernos de Estudos Açorianos para dar a conhecer excertos de obras (na sua maioria esgotadas) de autores açorianos e, assim, abrir uma janela de conhecimento e divulgação sobre esta peculiar e rica escrita que entendemos ser diferente.

Em janeiro 2010, brotaram estes desprezíveis CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS para acesso generalizado, fácil leitura e descarga em formato pdf. A sua conceção assenta na premência de dar a conhecer a AÇORIANIDADE LITERÁRIA, servirem de complemento aos currículos regionais e às Antologias de Autores Açorianos que a AICL começou a publicar a partir de então.

Os CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS são uma publicação trimestral que tenta chegar a leitores nunca imaginados em todo o mundo. Não há qualquer critério – além da arbitrariedade - a definir a ordem de apresentação dos autores.

Muitos autores fazem parte da ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS que a Helena Chrystello e a Rosário Girão compilaram na versão bilingue (PT-EN) em 2011, na monolíngue em 2012, na Coletânea de Textos Dramáticos de 2013, a que seguiu, em 2014, uma Antologia no Feminino “9 ilhas, 9 escritoras”. Acolhemos como premissa o conceito de Martins Garcia que, admite uma literatura açoriana *«enquanto superestrutura emanada de um habitat, de uma vivência e de uma mundividência»*.

A açorianidade literária (termo cunhado por Vitorino Nemésio, na revista *Insula*, em 1932) não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comumente abordados na literatura (a solidão, o mar, a emigração), ou como escreveu J. Almeida Pavão (1988)... *“assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Continental”*.

Assim, para nós [AICL], é Literatura de significação açoriana, *“a escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem”*.

A AICL entende que o rótulo comum de açorianidade abarca extratos diversos de idiossincrasias:

— *Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;*

¹ Criado e ministrado por Martins Garcia, posteriormente, por Urbano Bettencourt

— *O dos insularizados ou «ilhanizados»², e de todos que consideram as ilhas como “suas” de um ponto de vista de matriz existencial;*

- *Um de formação exógena, no qual se incluem todos os que não nascendo nas ilhas a elas estão ligados por matrizes geracionais até à sexta geração.*

As obras já desenvolvidas e publicadas pela AICL (Colóquios da Lusofonia) em parceria com a Editora Calendário de Letras, numa série de antologias, visam dar a conhecer ao público em geral e – muito especialmente – aos professores e estudantes, excertos de autores cujas obras estão fora do mercado comercial, das livrarias e muitas vezes até das bibliotecas. Sugerimos pois a consulta das seguintes obras coeditadas pela Editora Calendário de Letras

- Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Antologia (Monolíngue) de (17) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Coletânea de Textos Dramáticos de (5) Autores Açorianos,
- Antologia no Feminino “9 Ilhas, 9 Escritoras”

Ou a nível mais pessoal o meu livro “CHRÓNICAÇORES (vol. 2) uma circum-navegação de Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, e o “Crónica do Quotidiano Inútil, 40 anos de vida literária”, com as suas doses de açorianidade.

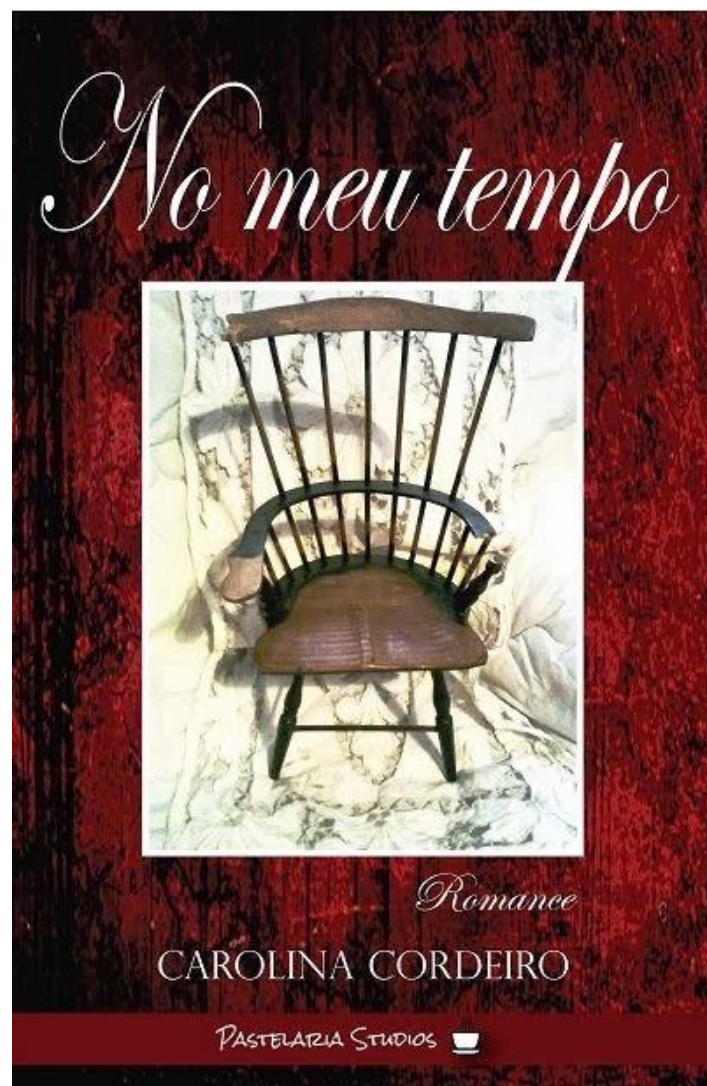
Para os iniciados em autores e temas açorianos, sugerimos que consultem a BIBLIOGRAFIA GERAL DA AÇORIANIDADE com mais de 19 mil entradas compilada ao longo de mais de sete anos e a ser publicada em 2017. Ali incluímos autores açorianos (residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais (açorianizados ou não) que escreveram sobre temáticas açorianas. Exaustiva é, mas ainda incompleta, se bem que seja indicadora do se tem produzido e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado, trabalhado e traduzido.

Nem todos os trabalhos dizem respeito a literatura já que a quisemos tornar o mais abrangente possível e englobar nela o maior número de obras, de uma forma ou outra, relativas à AÇORIANIDADE. Dentre as obras literárias muitas não serão obras-primas nem relevantes, outras permanecem atuais pelo seu interesse histórico, mas por entre o trigo e o joio há excelentes obras à espera de serem descobertas, lidas e ensinadas.

Nos CADERNOS já se publicaram autores contemporâneos presentes ou homenageados nos colóquios além de nomes incontornáveis:

1. Cristóvão de Aguiar,
2. Daniel de Sá,
3. Dias de Melo,
4. Vasco Pereira da Costa,
5. Álamo de Oliveira,
6. Caetano Valadão Serpa,
7. Fernando Aires,
8. Mário Machado Fraião,
9. Emanuel Félix,
10. Eduardo Bettencourt Pinto,
11. Urbano Bettencourt,
12. Eduíno de Jesus,
13. Onésimo T. Almeida,
14. Maria de Fátima Borges,
15. Marcolino Candeias,
16. Norberto Ávila,
17. Victor Rui Soares,
18. José Martins Garcia,
19. CANCELADO
20. Joana Félix,
21. José Nuno da Câmara Pereira,
22. Manuel Policarpo (Vasco Pereira da Costa),
23. Maria das Dores Beirão
24. Tomaz Borba Vieira,
25. Maria Luísa Soares
26. Susana Teles Margarido
27. Madalena San-Bento
28. Carlos Tomé
29. Brites Araújo
30. Maria Luísa Ribeiro
31. Carolina Cordeiro

² adotando a designação feliz utilizada por Álamo Oliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino



Carolina Cordeiro é licenciada em Estudos Portugueses e Ingleses pela Universidade dos Açores.

Desde 2005 que tem vindo a aproximar a sua profissão de professora e formadora à escrita criativa.

Leciona e dilucida as mais diversas dúvidas nas áreas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Literatura Portuguesa, Literatura Inglesa e Linguagem e Comunicação.

Publicou os seus primeiros poemas na coletânea *The International Who's Who in Poetry* (International Library of Poetry. 2004).

Mais tarde, em 2012, publicou o seu primeiro livro de poesia *Invictas Brotassem*, sob o pseudónimo Clarice Nunes-Dorval, com a chancela da Chiado Editora.

Em 2013, participou na *Antologia de Poesia Contemporânea "Entre o Sono e o Sonho"*, vol. IV (Chiado Editora) bem como na *Antologia Nós Poetas Editamos - PARTE V* (2014).

Em dezembro de 2013, editou o primeiro volume da trilogia Tempo, com o seu romance histórico **No Meu Tempo** (Pastelaria Estudios);

“

No Meu Tempo é um romance histórico, que tem por mote a obra Orgulho e Preconceito de Jane Austen. A história decorre em meados do século XIX, na ilha de S. Miguel, no concelho de Ponta Delgada.

Com vocabulário rico e divertido, a obra envolve-nos num ambiente insular outrora áureo de exportação de laranjas e o nascer de novas atividades económicas na região. Neste ambiente incerto, somos testemunhas do brotar de um amor sincero entre dois jovens de mundos opostos.

De um lado, temos um jovem britânico, atraente e rico, mas cujo ar soturno e de superioridade mantém-no à distância da sociedade micaelense. Do outro, temos uma jovem charmosa, inocente mas espirituosa, que acaba por não ser indiferente ao jovem rico. Desde que os seus olhares se cruzam, sente-se a emoção galopante desse romance que terá as privações e os obstáculos próprios da época, da idade e de terceiros sentimentos.

Sem querer ser uma lição de história, este romance leva-nos a um tempo não muito longínquo da história dos Açores; leva-nos a viajar na emoção, na pureza dos sentimentos e nas palavras vividas pelas personagens - que existem só nesta obra” lê-se na contracapa.

“Quando soube, pelos blogues que acompanho, que iria ser publicado um livro de uma jovem autora portuguesa, fiquei entusiasmada. Quando descobri que tinha como base “Orgulho e Preconceito” da Jane Austen fiquei ainda mais curiosa. Pensei na coragem que teria esta autora para enveredar por um caminho tão auspicioso. Ainda bem que o fez. O fio condutor desta estória de histórias é o do livro da J. Austen, mas a Carolina soube construir uma trama muito própria, com caminhos muito originais e pessoais. Apesar de ao longo da narrativa conseguirmos identificar ligações com Austen, elas afiguram-se perfeitas e são uma mais-valia para este livro.

O romance tem como base a história familiar da autora. É uma história de amores e paixões, de amizades e ódios, de intrigas e ambições. Toda a narrativa é muito interessante, muito bem escrita, num equilíbrio entre diálogo e descrição, com personagens bem construídas e que crescem ao longo da estória. Os amores e desamores do casal principal, Aidan e Constança, são de tal forma envolventes que o livro se lê compulsivamente. As personagens que giram à volta das principais não foram descuradas, complementam de forma magnífica o enredo. A envolvência histórica da

narrativa está muito bem desenvolvida e integrada na época em foco, o final do séc. XIX, em São Miguel – Açores.

A autora tem uma escrita muito rica, de leitura rápida e acessível. As descrições são muito claras e transportam-nos facilmente para os espaços referidos. Os diálogos ricos e bem estruturados são, também eles, reflexo do cuidado que a autora teve ao escrever este livro. Nota-se o amor e a entrega da autora e o cuidado e o carinho pelo que nos transmitiu.

(...) Há livros que nos marcam de uma forma ou de outra. “No meu tempo”, marca-nos de uma forma positiva, faz-nos pensar e ensina-nos a acreditar no amor e na justiça. Gostei da estória, gostei da escrita, gostei da autora. Vou seguir, certamente!”

Clarinda, <http://www.lerviverler.blogspot.com>

“Carolina traz-nos “No Meu Tempo” um romance escrito com base em acontecimentos familiares dos seus antepassados e inspirado no grande romance de Jane Austen “Orgulho e Preconceito”. Eu nunca consegui ler “Orgulho e Preconceito” li apenas metade e é certo que li este romance da Carolina de fio a pavio... e isto quer dizer alguma coisa...

No meu Tempo baseia-se essencialmente numa estória de amor entre Constança e Aidan – um amor quase impossível, cujo pano de fundo é o séc XIX, S. Miguel, e o negócio que se praticava na altura na ilha – exportação de laranjas.

É uma estória onde prolifera o amor, as intrigas, a amizade, as paixões e as traições, tudo próprio do ser humano e de uma sociedade de ambição

A Carolina tem uma escrita limpa, visual, a exposição das ideias são claras e cinematográficas, o que nos permite fazer a tal viagem com os personagens para os locais e visitar o que foi a ilha naquela altura... os jardins, as estradas, os costumes, as expressões...

Para quem adora uma boa estória de amor e um livro bem escrito, esta é uma leitura obrigatória!”

10 Regional

Entrevista

Carolina Cordeiro O seu segundo livro é um romance histórico que integra uma trilogia sobre os Açores. Foi apresentado sábado no Convento dos Franciscanos, na Lagoa

No meu tempo: “uma estória de amores e desamores”

PATRICIA CARREIRO
Açoriano Oriental, 23 de Setembro de 2022

“No meu tempo” é um romance histórico e é o seu segundo livro. O que nos pode contar sobre o mesmo?

É o segundo livro, primeira narrativa. É um romance que necessitei de escrever. É um culminar de experiências. É uma estória de amores e desamores passada entre S. Vicente Ferreira e Farnas.

Sabemos que os Açores estão presentes neste livro. De que forma?

Mais fácil será perguntar de que forma é que não estão. Este livro tem locais, expressões, personalidades, histórias e histórias nossas. Estão em todo o lado.

Este livro faz parte de uma trilogia. O que nos pode contar sobre os outros dois livros?

No início não era esta a minha intenção. O objetivo era ser apenas um, mas o propósito de registar as memórias da minha família falou mais alto e sim: serão três. Contarão a história da minha família, evoluindo com o tempo e espaço das ilhas e com a necessidade de relatar situações que quero que fiquem para a eternidade. Este fala da vida dos meus bisavós; o segundo dos meus pais e o terceiro da minha própria vida. Tudo baseado em factos reais e tudo, de uma certa forma, ficcional.

A Jane Austen e a sua família foram uma fonte de inspiração para a escrita deste livro. Porquê?

Sou fã incondicional da Jane Austen. Não tanto pelos pares românticos das suas obras, mas pela voz crítica feminina (que não era, de toda, comum na época dela), pela sua ironia e pela história da Inglaterra que ela retrata. Por gostar tanto da sua escrita, iniciei a correspondência (via Internet) com um conjunto de autoras contemporâneas – inglesas e americanas – que

Este livro fala da vida dos meus bisavós; o segundo dos meus pais e o terceiro da minha própria vida. Tudo baseado em factos reais

escrevem continuções de uma das obras mais conhecidas desta autora – Orgulho e Preconceito. Ora, entre conversas, lá surgiu a possibilidade de “se-forem-se uma continuação do O&P, em português?” E lá comecei eu.

O seu primeiro trabalho literário foi de poesia, este tem como base a prosa. Que área lhe apraz mais escrever?



Açores estão em “todo o lado” na obra literária de Carolina Cordeiro

Não tenho área que me dê mais ou menos gozo. Tenho dias. Tenho fases. Tenho vontade de escrever. Quando assim é, escrevo e logo se vê.

Quais são as suas expectativas em relação a este segundo livro?

As mesmas que para o primeiro – apesar de já não estar tão ansiosa. Quero que as pessoas o leiam, que tenham uma opinião do seu conteúdo e que tenham o direito de gostar ou não dele. No final, quero o que dou a todos: respeito por existirem.

Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades que um jovem escritor ultrapassa?

Eventualmente saberei que é ser escritor(a). Enquanto o for descobrindo, o “jovem” vai ficando preso ao passado. Creio que um escritor/artista/profissional passa

por todos os desafios de quem ainda não tem um nome forte no mercado. Creio que um “jovem escritor” é alguém que ainda não tem como fazer valer a sua voz sem ter de custar o seu sonho. Creio que depende muito de si mesmo, do seu trabalho e do seu empenho. No fundo, depende (como nós todos dependemos) daquilo a que se propõe, verdadeiramente. Quando assim é o que encontramos não serão dificuldades, serão situações normais que o processo de criação (e consequente mostra do trabalho) nos coloca à frente, para sabermos apreciar o resultado final. Resultado que esperamos, sempre, que seja valorizado pelo esforço e dedicação.

Quem é a Carolina Cordeiro?

Uma apaixonada pelas letras, pelo ensino e pelas pessoas. *

10 Regional

Entrevista

Carolina Cordeiro Jovem micaelense lança-se no mundo da poesia com obra que retrata a fase de transição para a idade adulta

“A escrita acalma-me, dá-me energia, orienta-me”

PATRICIA CARREIRO
Açoriano Oriental

Carolina Cordeiro é autora das palavras do livro de poesia de nome “Invictas Brotassem”, que será lançado no dia 28 de setembro, pelas 19h30, na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada. O livro será apresentado pelo professor Machado Pires e tem a chancela da Chiado Editora.

Este é o seu primeiro livro. Fale-nos um pouco dele...

É um livro de poesia. Poesia de uma fase muito particular da minha vida. Escrevi estes poemas num período de mais ou menos 10 anos. Desde a universidade. É uma poesia com cariz forte, pesado. Retrata a voz inocente de uma rapariga a entrar na idade adulta e que não sabe lidar com o que está a sentir. É o extravasar de uma dor; é o cariz de emoções, é o lidar com a vida. É o nascer em mim de uma visão que eu queria pura, invicta.

Há algum poema deste livro que a fascine mais?

Que me fascine, não. Mas que me diga algo em particular, sim. Para mim, poesia é o exteriorizar de emoções. E, durante muito tempo, só conseguia lidar com as minhas emoções escrevendo e há neste conjunto

poemas que me marcaram muito, não pelo poema em si mas pela fase da minha vida onde eles (os poemas) encaixam.

Este é um livro autobiográfico?

Sim. É porque marca aquela fase em particular. Aquela Carolina que já não é esta Carolina. Daí o pseudónimo. Espero não mais usar o nome de Clarice Nunes-Dorval.

Quando e como nasceu esta paixão pela escrita?

Não sei precisar o tempo nem a hora.

Sou uma pessoa que está no processo contínuo de se gostar como sendo um ser humano capaz de fazer mais e melhor

Sempre gostei de escrever. Sempre gostei de ter na mão papel e caneta. Lembrou-me de não gostar de ler e de pedir ajuda à minha mãe. Depois, na escola secundária, recordo-me de me sentir obrigada a ler para poder saber do que falava a professora de Português quando dissertava sobre as grandes obras portuguesas que tinha de estudar. Foi aí que o gosto da leitura começou a aparecer e cada vez que me apetecia ler,



Carolina Cordeiro estreia-se na escrita poética com “Invictas Brotassem”

apetecia-me escrever. Os diários não resultam comigo, mas ainda hoje guardo todos os pedaços de papel onde escrevia tudo o que me vinha à cabeça, todo o meu libertar de emoções.

A poesia é uma forma predileta de escrever ou tem outros estilos de escrita que a fascina?

Não é a predileta. Gosto de narrativa, também. Não sou capaz de dizer que prefiro uma à outra. Depende tudo do que estou a sentir, do que ando a ler ou de alguma coisa que me desperte mais para o sentimento ou mais para o diálogo; o sentimento liga-me à poesia; o diálogo, à narrativa.

O lançamento está a ser preparado com pormenor. Com o que podem contar os presentes na cerimónia?

Será um dia de muita emoção, para mim

e para quem me é mais próximo. Será um dia onde me vou dar a conhecer como nunca o havia feito. Será um dia onde, creio, quem lá for se vai sentir confortavelmente emocionado. Haverá a presença de todos os elementos que confluíram para o nascer dessas minhas invictas palavras.

A escrita completa-a?

E de que maneira. Acalma-me, dá-me energia, orienta-me. Coloca-me na pele do outro e dá-me perspetivas que se não escrevesse e se não lesse não teria.

Sabemos que é uma amante das palavras. O que nos pode contar sobre si?

Sou uma mulher ligada à educação, à família e aos amigos. Sou uma apaixonada pela vida e por conhecimento. Sou uma pessoa positiva: o meu mote é “A vida é bela e o sol brilha, mesmo às 5 da manhã ou às 11 da noite”. *



Museu Carlos Machado é um dos aderentes

Museus dos Açores associam-se às Jornadas Europeias de Património

A direção regional da Cultura associa-se, através dos museus da Rede Regional de Museus dos Açores, às Jornadas Europeias do Património 2022, que terão lugar em Portugal nos dias 28, 29 e 30 de setembro.

As Jornadas Europeias do Património são uma iniciativa anual do Conselho da Europa e da União Europeia, que envolve cerca de 50 países. O seu objetivo é sensibilizar os cidadãos para a im-

portância da salvaguarda do Património.

Para as Jornadas Europeias do Património 2022 foi proposto o tema “O Futuro da Memória”, com o qual se pretende realçar a importância do Património enquanto memória do desenvolvimento das sociedades e também o seu papel na construção do futuro.

No âmbito desta temática, os museus dos Açores promovem di-

versificadas atividades que integram as referidas Jornadas.

Assim, no dia 29 de setembro, pelas 15h00, o Museu Carlos Machado, em Ponta Delgada, realiza uma visita orientada à exposição “Arte Portuguesa no Museu Carlos Machado. 1840-2010”, pela comissão da exposição, Silvia Massa.

No total sete museus açorianos estarão envolvidos nestas jornadas. * PMA

Caixilharias * Portas * Janelas * Persianas, etc. etc.

ALUMÍNIOS

MCB

... garantimos o que fazemos!

PARQUE INDUSTRIAL DA RIBEIRA GRANDE

296 477 014

Geral@mcb.pt

1. My Lost Name

— to those who are lost —

If I could, for once, say
What kind of memories lay
On my breath, I'd be short of breath.
If I could, for now, send a whisper into
Your ears, the kind of sound flowing
From my brain, I'd be spreading my arms out
And crying in a couple of happily pitiful tears.
If only for one short moment I could be,
Lost in between the clouded me and the
Freshened nobody who matters, what?
I'm a maybe in a thousand certainties;
A second on time's infinite table;
A reason to stay awake, alive, forgotten.
A bit of something someone has,
A line in a friend's book.
I'm a bit of me in the cursed course of
My river streamed present life.
My river knows only the now I doubt,
The not certain tear I, myself, contain.
For I am a small taste of humankind,
A parcel of nature's creativity,
A blank page on a small diary,
Hoping to be written the letters of my lost name.





2. Abranda o tempo

Ouvi num grito surdo do tempo
uma voz que me dizia degradantes histórias
de culpas e dúvidas,
num contar enegrecido de beijos não dados.
Foi do vento que senti a emoção quedar-se,
a afrouxar-se dentro de um peito a bater por saudade.
Por uma paz de sombra construída,
elevei um espaço só meu
perdendo uma trilha do tempo que soprando
sem força, cansativo, dizia-me
'abrande coração enganador,
destemido das mentiras ditas por teus lábios.
Abranda teu pérfido ser.
De tantas angústias viveste!
Para e escuta o tempo que o tempo te concede.
Abranda e verás o tempo a cair em teus braços
e a força a rasgar tuas entranhas,
teu sangue renascido por entre cinzas da
tua parca sombra, intemporal'.

3. Mar salgado

É um velho dia de sombras derramadas no meu criado chão de azul transparente,
regado com flores de cores ainda por inventar.
São dias velhos de umas lágrimas gastas pelo agreste rosto que dou a esconder nas
ondas do rio perdido que não chego a encontrar. É como navegar às cegas num
imenso cordão de ferro corroído pelo meu sal, salgado por minhas veias recheadas
de um tempero de uma colheita floral que ainda hoje não reconheço a imagem.



http://viajarpelaleitura.blogspot.pt/2013/12/no-meu-tempo-carolina-cordeiro_15.html



No paraíso, nem tudo é tranquilo. No Meu Tempo envolve o leitor e fá-lo querer abraçar cada personagem até que cada uma delas confesse os seus medos e os seus segredos. No Meu Tempo é a prova de que é sempre tempo de amar e conquistar mares e corações.

Pedro Paulo Câmara

4. Insular

Baixo grito expresso nesta pequena boca
Uma montanha verde íngreme.
Caminho desta grande esperança de se ter:
Um percurso esperançoso como o verde chão,
Um sorriso alegre como o azul das hortênsias,
Um sonho contente como o branco dos céus,
Uma consciência tranquila como o cinzento das madrugadas,
Um viver rotineiro como o nublado deste ar!
Neste cantar, perdi a dor de querer sair,
Que por entre vasos das brumas nossas
Corre atrás daqueles saltos no mar,
Escorre pela face das promessas anuais.
Este sentir que nos é único,
Esta alegria que nos comove,
Este mar que nos chama,
Este nevoeiro que nos protege, é
Alegre sensação de te ter aqui,
Oh altos montes deste chão.
Pequenos olhares destes pássaros ferozes.
Gentis toques destas lindas nove flores
Cobrem-te com as mais quentes mantas
Que deste povo saiu, para sempre!



marca de devedora, sangrada.
Não os quero por oferta de ti
nem os necessito por pedaço,
rasgo de sol por entre a serra escondida.
Dá-mo-los por a mim, de mim,
pertencerem, fazerem parte,
feito segunda mão, em mão minha dada,
como forro da pele que uso
ou como pele que de mim, para mim,
mais pele é do que a minha, me pertence.

5. Dedos

Neste instante preciso dos teus dedos
não em mim nem em mim,
mas por entre os meus
segurando-me à batida das veias
relegadas aos teus dedos,
arreganhando a vida
feita gavinhas nascidas das pedras,
fruto dos bagos da vida que te pariu.
Não mos dês por mos dares.
Dá-mo-los para te segures
ao gotejar do pó que do alto vem
ou até ao verter do teu, do meu suor
decorrente do teu, do meu corpo.
Não os quero por fé perdida
ou por religião consagrada.
Quero-os por teus, a ti, pertencerem de ti,
segurarem parte dos correr de tua vida.
Não mo-los ofereças.
Não os quero dados, feito preço oferecido





6. 1

Hoje não havia os habituais sons na casa. Hoje não haviam folguedos nem brigas ou birras por parte das suas filhas e o senhor Cavendish podia deliciar-se com os seus livros, na sua pequena, mas muito estimada biblioteca. As quatro raparigas tinham ido visitar a sua tia, às Capelas, e só deveriam voltar ao entardecer. “Espero que não demorem muito. Elas conhecem bem o caminho, mas nunca se sabe. Que bom era se houvesse iluminação em toda a parte” pensava ele. Em casa só estavam a sua filha Constança e a sua esposa e, dando razão os seus cabelos brancos, sabia que o sossego não iria durar muito. Tinha de aproveitar a calma que agora tinha. Sabia que ora aquando do regresso das raparigas (que sofria em saber serem as mais tolas da freguesia) ora aquando de uma discussão entre as fêmeas que estavam em casa ou simplesmente com os gritos da senhora da casa pela sua velha governanta Mercê, o seu sossego não ia durar muito, nem mesmo se estivesse no jardim.

Na realidade, não podia fugir para muito longe. A sua casa tinha um jardim bonito, bem ornamentado, como era normal um negociante como ele ter. No jardim havia zonas arquitetadas por mentes estrangeiras, havia flores e plantas exóticas, um pequeno lago e ainda pequenos bancos de pedra onde se podia apreciar um bom livro ou uma conversa interessante, num dia de verão. O jardim já não era tão extenso quanto outrora fora, mas tinha uma vista que fazia o senhor Cavendish sentir-se abençoado por ter aquilo que tinha.

A família fora obrigada a vender parte da casa para suportar uma dívida muito sofrida e esta perdera muito valor, desde então. Agora tinha uma moradia mais modesta, mas ainda com luxos. Era uma casa não muito grande. Tinha o rés do chão, e dois andares e os seus aposentos eram generosos o suficiente para toda a família. Para muito mais não. Nem era tão vasta em número como as dos seus amigos negociantes. À parte da pequena casa onde a senhora Mercê, o capataz e a criada da casa viviam, a casa do senhor tinha só quatro quartos de dormir da família, a cozinha e a dispensa, o escritório, a sala de estar e a sala de jantar. À casa restava pouco espaço para a privacidade que tanto desejava o seu senhor. Esta casa era muito diferente da outra casa, naquela parte da propriedade que já não valia a pena nem lamentar nem pensar mais no assunto, porque não mais voltaria a ser sua. Tinha-a perdido para ajudar um amigo e, no final de contas, fora traído, e quando se dera conta da mentira em que se vira enredado, já a sua casa estava perdida. Agora só lhe restava aquele espaço que lhe servia de abrigo e que a sua família acabara por transformar em lar. E, naquela casa, naquele escritório, naquele instante, ele só



queria ler um pouco, estar no seu recanto e não pensar em coisas menos agradáveis do passado para que não lhe pesasse mais ainda o seu dolorido coração.

Alberto Cavendish nascera em Ponta Delgada, no seio de uma família abastada de mercadores ingleses que aproveitaram as oportunidades sociais e políticas que a vida do século passado lhes legara. Os Cavendish alargaram a sua fortuna com o negócio da exportação da laranja que este afamado arquipélago tão prontamente providenciara. Mesmo assim, ainda para lá do meio do século, o negócio da laranja regalava à ilha de S. Miguel um lucro que a mantinha, e aos seus negociantes, como pote de ouro, no meio do atlântico. O fino aroma da doce fruta fizera dele, e de muitos outros senhores da ilha, negociantes ricos e tornaram-nos na elite burguesa micaelense.

Na verdade, esta terra tornara-se num rodopio de influências inglesas e francesas, que os mais favorecidos iam aproveitando e deleitando-se. Desde que a exportação da laranja obtivera grande impacto na economia da ilha, começaram que também as festas e as roupas elegantes e as casas e os jardins mais vistosos. Claro que nem toda a população era bafejada por essa opulência, mas mesmo assim muitos preferiam ficar e tentar a sua sorte do que se aventurar nas ondas do oceano, em busca de outras riquezas.

O senhor Cavendish era um homem já com experiência de vida e teria sido ainda mais bafejado com a sorte de possuir uma grande fortuna com esse negócio de exportação não fosse a sua má decisão de confiar na pessoa errada que deitou a perder não só boa parte do seu negócio como também uma grande parte da fortuna da sua família. Ele tivera tudo o que era preciso para se manter no topo do negócio da laranja. Tivera largas propriedades divididas em quartéis. Tivera comboios de burros que faziam o transporte do fruto para os barcos seguirem para uma Londres recém-industrializada e muito ativa. Tivera homens de confiança para a produção, para a apanha dos vários tipos de laranjas e para a gestão das suas terras. Tivera muitos homens a seu cargo para vigiar as quintas, para ter a certeza da quantidade e qualidade daquilo que os outros negociantes produziam. Tivera, mas já não tinha. Mesmo face à sua queda, mantinha-se um homem honesto que nunca se associara a especulações, nem à companhia dos produtores. Valia-se por si próprio e orgulhava-se disso. Tinha um forte sentido de iniciativa, perseverança e astúcia. Desse então vivia apenas com uma módica percentagem, decerto metade dos lucros dessa atividade. Longe iam os tempos áureos. Longe iam os tempos onde se podia ficar a pão e a laranja. Não vivia, de todo, no seu mundo ideal, apesar de viver numa época em que cada vez mais avanços científicos se faziam sentir na sua ilha. Mas, nunca

pensara, nem os seus pais, estou em crer, que a sua sobrevivência, a sobrevivência da sua esposa e das suas cinco filhas e, em último caso, do seu bom nome se ficasse a dever a metade dos rendimentos que costumava receber. Via ainda nesse negócio, um meio de obter um lucro considerável para se poder manter ao nível que precisava, ainda para mais com o novíssimo porto de Ponta Delgada, onde os barcos tinham excelentes condições para carregar e desembarcar mercadoria. Apesar de tudo isso, ao nível do que a sua família vivera não voltaria, mas recebia o suficiente para se manter bem. Ainda não se sentia apto a enveredar pelas novas produções que muitos dos seus amigos se mostravam muito interessados. A lágrima das laranjas havia causado demasiadas lágrimas e havia que dar tempo ao luto pelo passado para depois seguir em frente, com o que quer que fosse. E, mesmo assim, havia que desconfiar de algo que até um simples descarregador ou cabouqueiro se aventurava em prosperar.”



Em junho de 2015, apresentou segundo volume, o romance *Naquele Tempo* (Letras Lavadas).

“1 — 1859

Aquilo que se espera da vida nunca é o o que a vida espera de nós. Tamanha verdade é essa que, por mais anos que um ser viva, menos e menos saberá o mais que terá de esperar. O aguardar perde-se no avizinhar-se dos anos futuros e todos os sonhos traçados marcam, em sombras, aquilo que realmente aconteceu pois deles pouco, ou nada, vive.

As conversas que temos com o mundo são vozes que calamos dos outros. Desejamos que a nossa voz se faça valer em todos os instantes de decisão que somos levados a respirar. Mas nem todas as vozes o mundo escuta. Em seu lugar, ouvem as pessoas e delas todo o juízo é feito; toda a ação é tomada; toda uma vida é, ou pode ser, vivida.

— Pelo menos ela já saiu do quarto, primo!

— Sim, pelo menos isso.

— Está tudo pronto para a vossa partida?

— Sim. Partimos amanhã mesmo. Espero que o ar da ilha lhe faça bem e que o estar com a sua família a ajude a recompor-se. — Suspirava Aidan, enquanto rodopiava o líquido do seu copo de brandy.

— E tu, primo, como te tens sentido? — Perguntava Frank, sabendo que também Aidan precisava de apoio.

— Eu estou indo. Levando os dias como Deus quer.

— Isso é o que poderás dizer a teu sogro ou à Vivianne, mas a mim não me enganas. Vai, homem, desembucha!

— Que queres que te diga, santo Deus! Estou para o Diabo me levar com tanta dor! Dor por ter perdido o filho. Ou filha. Dor por ela se sentir assim. Dor por tudo o que aconteceu ter sido culpa minha. É algo de que jamais me perdoarei, por mais anos que viva, Frank. Não tanto pelo filho. Quer dizer, também, mas sei que teremos outros. Mas, ver no olhar dela, no corpo dela, a dor de ter perdido este bebé, é demasiado doloroso para mim.

— Mas não tiveste culpa, homem de Cristo! Foi um acidente. Poderia ter acontecido a todos.

— Sim, mas aconteceu-me a mim. A nós. E eu deveria saber que ela é tão afoita e deveria ter calculado que ela ia querer fazer o que fez e deveria tê-lo evitado. Evitaria tanto, mas tanto sofrimento! E, agora, estaríamos mais felizes do que nunca pois

iríamos estar a regressar a casa, com a melhor das notícias. E, neste momento, nem sequer podemos contar porque estamos tão tristes.

— Como assim, não podem contar?

— Ela nunca chegou a escrever à família que estava grávida. Ninguém sabe desta gravidez e ela não quer que se saiba. Só tu sabes e a Vivianne. De resto, só um ou outro empregado e ninguém mais. Por favor, não vás contar a ninguém.

— Deus do céu! Como vais fazer? Que vais dizer para justificar aquele corpo? Aquela cara? Aquela tristeza?

— Não sei. Algo me irá ocorrer. Acho que vamos inventar que a viagem não lhe correu bem e que vomitou muito. Não sei, com mil Diabos!

— Aidan, fala comigo!

— Ela vai ter uma desculpa para estar abatida. E eu? O que farei eu para disfarçar esta dor?

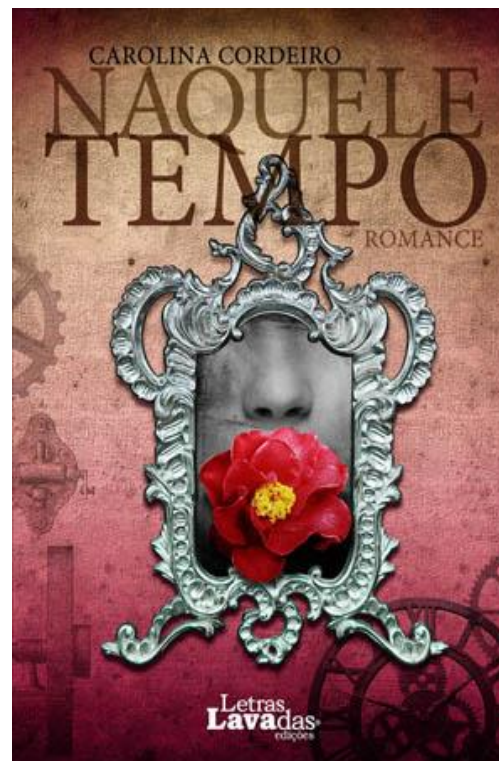
— Meu primo, lamento dizer-te mas não aparentas estar muito condoído.

— O quê? — Perguntava ele, desviando o seu olhar da mulher, em direção ao primo. — Como te atreves a dizer que não sofro?

— Homem, tem calma! Não foi isso o que disse. O que eu disse foi que, pelo teu semblante, para quem não te conhece muito bem, não vai vislumbrar que sofres o que sofres. Estás como sempre foste. — A afirmação do primo caiu como um balde de água fria na dor que ainda estava a sentir.

— Queres dizer que, para um qualquer, se olhar para mim, não vai ver que se me rasga a alma de ter perdido um filho?

— Não, não vai conseguir ver.



— E essa, hein?

— Também não quererás que ninguém saiba, pois não?

— Não! Claro que não! Mas penso no que sentirá a Constança quando olha para mim.

— Como assim, não percebi?

— Se eu aparento ser o meu normal, como será que ela me vê?

— Primo, preocupas-te em vão. Homem, se há alguém que te consiga ler melhor do que todos, esse alguém é a Constança. — Tentava Frank sossegar o primo, apertando-lhe o braço.

— Em situações normais, sim. Mas, e se a dor lhe tolda a mente? O que vai ver? Que eu não me importo por aquilo que estamos a passar, não?

— Pronto, já cá faltava mais uma teoria de culpa. Homem, sossega! E nem te atrevas a perguntar-lhe. Já pensaste o quanto mais a vais fazer sofrer se lhe perguntares? Se ela, *ela*, duvida que estás a sofrer?

— Achas que sim? Que não devo ir? Não seria melhor esclarecer isso? Não gosto de mentiras nem de segredos.

— Aidan, não! Pelo menos não por agora. Não creio que este seja o melhor momento, e desculpa que te diga, mas apesar de não gostares nem de mentiras nem de segredos, tu tens alguns que ainda não lhe disseste. Certo? Ou já lhe contaste do que andas à procura pelos mares ingleses?

— Cala-te! Não contei nada e não há necessidade desse assunto vir agora à baila. Vou fazer de conta que não comentaste nada disso. Porque te foste lembrar disso? Acaso sabes algo de novo?

— Não. Continua tudo na mesma. Mas, voltando à tua esposa, acho que será melhor não lhe perguntares nada, agora. Deixa que ela regresse e se sinta mais revigorada e que todos acreditem na história da maresia e, aí, então, como se de nada de muito sério se tratasse, pergunta-lhe. Mas não sejas bruto, ouviste?

— Desde quando eu sou bruto?

— Eu consigo lembrar-me de uma ou outra situação.

— Estás a falar de quê?

— De um certo Davies. De uma certa Bolton. De uma certa Marguerite Lavoiser.

— Tu hoje estás para me torrar a paciência com assuntos enterrados da minha vida, não é? Que queres tu? Que me torture ainda mais?

— Não, meu primo. Quero só que tenhas a consciência de que não és perfeito e que não podes controlar tudo. Que, mais cedo ou mais tarde, falharás se tentares alcançar a perfeição sozinho.

— Olha, eu não sei se é do brandy ou se de outra coisa qualquer, nem o que pretendes mas digo-te que sempre lutarei para atingir o meu ideal e para proteger a minha família contra boatos, contra mentiras e dissimulações. E, nada, presta a atenção, nada me vai impedir de proteger a minha família contra tudo e contra todos os que dela se quiserem aproveitar! — Exasperava Aidan, apontando um dedo ao primo.

— Sim. E contra ti, quem a protege?

— Mas que raio estás tu a dizer? Estás a falar comigo, primo, lembras-te? Eu, Aidan Forrester, casado com a mulher mais linda e fascinante e inteligente e carinhosa do mundo. Eu, que tenho a irmã mais sensível do universo, com as tias mais distintas de todas e com o primo mais intrometido de todos os seres humanos, comigo, Aidan Forrester: dono e Senhor de uma imensa fortuna. Dono e Senhor de muitas terras e barcos. Que queres tu comigo?

— Quero que abaixes a tua empáfia, a tua arrogância e que vejas que basta um sorriso e um olhar, um minuto a mais com a tua mais linda e mais inteligente e mais tudo que é a tua mulher para que se veja que ela precisa de ti, do ser humano e não do homem que está sempre a tratar de algo.

— Mas eu tenho coisas a tratar! — Respingava Aidan.

— Pois tens. Tens uma mulher que acaba de perder um filho, que acaba de perder o possível herdeiro Forrester, numa tentativa ridícula de te impressionar perante os teus pares.

— O que estás a dizer para aí?

— Que ficas tão estupidamente preso às tuas ridículas convenções, ao teu tão parecer-ideal que não te apercebes que tudo o que ela faz é tentar demonstrar a mundos e fundos que tu escolheste a mulher certa e não uma insular qualquer.

— Quem te disse isso? Foi ela? Quando?

— Credo! Nem te dás conta do que te disse, não é verdade? O que te interessa são os teus ciúmes.

— Eu não a posso perder, Frank! Morreria sem ela!

— Então porta-te à altura dela!

— Mas... quando foi que ela te disse isso?

— Não foi ela. Eu soube-o pela Vivianne.

— A minha irmã disse-te isso e não mo disse a mim?

— A tua mulher disse-o num sonho e, ao que parece, disse mais qualquer coisa mas a Vivianne não me quis contar o que foi. Calculo que tenha sido algo da tua intimidade e não procurei saber mais.

— Da minha intimidade? Qual intimidade? — Bufava Aidan. O olhar curioso de Frank assombrou-se. — Nem comentas, que não vale a pena!

— É normal, não? — Compreendia o primo. — Ela acabou de perder um filho. O corpo está a ajustar-se e...

— E? E o quê? Que mais sabes tu? Que mais sabe o universo que eu não saiba? — Interrogava Aidan, exacerbado de emoção.

— E, — continuava Frank — ela, a Constança, precisa de tempo. De qualquer maneira ela, nesse sonho, comentou que não era boa o suficiente para ti, daí Deus tê-la castigado e ter-lhe levado a criança pois tamanha felicidade não poderia existir para uma insular como ela.

— Que baboseira, santo Deus! Ela pensará mesmo isso? Deus meu! Meu amor, como te sentirás? Não admira que não me toque nem deixa que eu lhe toque. O outro dia, chamou-me de amor e acariciou-me mas logo me mandou embora. Será que foi por isso, que se julga inferior a mim? Eu nunca a fiz sentir assim!

— A sério?

— Claro que não! Como podes supor que faria uma coisa dessas à minha Constança?

— Não fui eu que supôs. Foi a Vivianne que comentou comigo.

— Comentou o quê? Mas que raio se passa aqui, afinal?

— Senta-te, primo, tenho algo a contar-te. — O semblante do Aidan era tudo menos calmo. Não sabia o que pensar e tudo lhe parecia afundar-se-lhe perante a vista. Sentiu-se impotente, novamente, e isso não lhe agradava nem um pouco. — A Vivianne escreveu-me uma carta a pedir que viesse cá e que falasse contigo pois ela não tinha coragem para o fazer. Ela também me pediu que não te contasse isso, por isso não lhe vás ralhar, ouviste! — Aidan assentia com a cabeça mas não sabia o que pensar. — A Vivianne, nessa carta, contou-me que parecias embeijado por uma certa Senhora que não a Constança. Que a tua mulher já tinha reparado e que se começava a sentir muito mal, daí que estava a fazer de tudo para te chamar a atenção. Daí, o cavalo.

— Deus, mãe santíssima! Que fiz eu?

— Fizeste alguma coisa?

— Não, claro que não!

— Então? De que suspeitará a Constança?

— Não faço a mínima ideia. — Suspirava dolorosamente, Aidan. — Mas é culpa minha, não?

— Não sou eu a dizer-to. Só tu saberás. A Vivianne perguntou à tua governanta

como se comportava uma mulher grávida e ela disse-lhe que de forma muito emocional. Poderá a Constança ter visto e imaginado algo e que, por alguma insegurança sua, se tenha deixado levar por ciúmes e se tivesse querido colocar na tua boa opinião?

— Mas ela é a minha boa opinião! Ela é a minha razão de viver! É por ela que penso e que organizo a minha vida! Como pôde ela pensar, alguma vez, semelhante estupidez?

— Não lhe deste motivos?

— Quais motivos? Desde que casamos que vivo só para ela — só e exclusivamente para ela. Pensará ela tão pouco de mim, assim?

— Não houve situação nenhuma em que a tenhas, sei lá, ofendido ou magoado ou não lhe teres dado a atenção habitual? Uma mulher prenhe tem as emoções todas à flor da pele. Pode ser que, mesmo sem querer, a tenhas ofendido.

— Nunca! Estivemos sempre muito bem, sempre juntos. Só houve um jantar em que ela não foi porque era de negócios e muito tarde no dia. Mas, de resto, estivemos sempre juntos.

— E onde foi este jantar?

— Em casa do Senhor Torres.

— E quem lá esteve?

— O Edmundo Torres, o Afonso Oliveira, o Luis Nunes e mais uns quantos.

— E mais ninguém?

— Não...

— Sim?

— Bem, esteve a cunhada do Afonso. A Senhorita Antonieta Oliveira.

— Senhorita de reputação duvidosa, segundo consta.

— Como assim?

— Então, primo, não me vais dizer que não sabes que, a baixas bocas, se comenta que a Senhorita Antonieta é dona da mais concorrido casa de prazer masculino da cidade?

— Não posso crer!

— De onde achas que vem o dinheiro para subsidiar as loucuras do Afonso?

— Deus meu! Não fazia ideia. Mas, de qualquer forma, nada aconteceu para justificar ciúmes na minha mulher.

— Sim. Mas, pelo que me contaram os teus serviçais, tu encontraste-te com essa Senhora mais duas vezes no parque, não?

— Sim, mas...

— E que vocês falaram durante algum tempo. Mais ou menos um quarto de hora de cada vez e que, numa dessas vezes, tu acompanhaste-a a casa.

— Sim, mas...

— Mas, saíste do parque, onde estavas a passear com a tua irmã e ...

— E, o quê? Já não se pode ser cavalheiro?

— Pode-se. Mas estas são situações para criarem falatório e o suficiente para colocar a tua mulher de sobreaviso. Não?

— Mas não aconteceu nada. Fui apenas deixá-la à porta pois ela estava a sentir-se mal. Ela não me interessa para nada! Nenhuma mulher me interessa! Só a Constança!

— Quantas vezes lhe tens dito?

— Não preciso dizer-lhe. Ela sabe! — Um silêncio instaurou-se entre os dois. Aidan olhava em frente para vislumbrar o andar gracioso da sua mulher. Sua mulher! Era só a ela quem ele queria e amava. Será que tinha sido tão displicente para com ela e que não tenha visto todo o resto a acontecer? Que pensaria ela? Decerto nada do que o Frank insinuava pois tinha a certeza que Constança sabia o quanto ele a amava. — Que mais te disse a Vivianne?

— Isto já não foi a Vivianne, mas a tua governanta.

— A Senhora Maria de Jesus? A que propósito?

— Ela disse que era melhor o Senhor, tu, prestares mais atenção em casa e não te perderes em arroyos aí por fora — como tantos outros que conhecemos — porque poderias correr o risco de, também, ficares sem nada.

— Deus meu! — Aidan passava as mãos pelo cabelo, como que em desespero.

— Não sabia que todos comentavam o que ele nem suspeitava que estava a acontecer. — Quando te disse isso?

— No dia em que cheguei. Disse-me que vocês iam dar um pequeno jantar aos teus amigos e que quando a tua mulher soube que a Senhorita Antonieta também viria começou a passar mal e vocês acabaram por cancelar o serão.

— E ela pensa que eu tenho um caso com essa Antonieta? Pensa que se a outra fosse deveras minha amante, eu a traria cá a casa? Que lhe faltaria ao respeito, tanto assim?

— Que pode ela pensar de um homem que desde que chegou de lua de mel só trabalha e tem reuniões sociais e nessas reuniões sociais poucas são as pessoas que falam com ela e quando falam é para insinuarem que esse ou aquele tomou para si fulana de tal como amante porque se haviam apercebido que casaram muito rapidamente, com uma qualquer ou que se haviam casado sem noção do mal que faziam? Que as enganavam com supostas damas refinadas da sociedade?

— Quem lhe disse isso? Quem te disse isso?

— Todas as mulheres de sociedade casadas com os Senhores ilustres com quem tens feito negócios. A tua mulher.

— A Constança disse-te isso?

— Não. Quer dizer, sim. Ela, sem querer dar nas vistas, perguntou-me se era frequente um homem da tua posição arranjar amantes e se era muito comum, cá na capital, as mulheres oferecerem-se assim.

— Deus, ajude-me!

— Eu tentei disfarçar, mas percebi que haviam sido comentários dos teus “amigos” e também percebi que ela se sentia muito deslocada de tudo isto.

— Porquê eu nunca ter visto isso?

— Acho que é por estares tão empenhado nos negócios. E agora estás tão empenhado em disfarçar a dor de ter perdido o teu filho que não te dás conta que estás a perder a tua mulher.

— Nem sequer penses nisso!

— É a minha opinião.

— Porque é que ela não veio falar comigo? Eu teria dito logo que tudo não passava de mentiras!

— Primo, lembra-te da Senhorita Bolton, dos enganos que vocês já sofreram, do sofrimento por julgamentos precipitados. Creio que, para além de querer ter tempo para averiguar tudo e não supor nada, ela quererá tempo para se recompor de todas as emoções que tem vivido, ultimamente.

— Pois, e eu? E eu? Que sinto? Que faço?

— Bem, agora que sabes o que se passou e como ela é capaz de se estar a sentir, trata-a com mais carinho. Presta-lhe mais atenção. Não sei, homem! Nunca tive uma esposa, mas creio que lhe devas demonstrar que ela te basta, com ou sem herdeiro, sendo ou não uma insulana.

— Será que alguma vez vou ter paz e viver tranquilamente feliz com a minha esposa?

— Sim, um dia. Depois de vocês os dois crescerem juntos.

— Estás a tornar-te num fala barato filosófico demasiado bom para o meu gosto.

— E eu estou a ver que o teu humor está melhor. — Piscava-lhe o olho, como quem está a sorrir.

— Nem por isso, mas elas vêm aí e não quero que ela me veja como realmente estou.

— Boa sorte, meu caro. Boa sorte!”





Antologia de Poesia Contemporânea Vol. IV

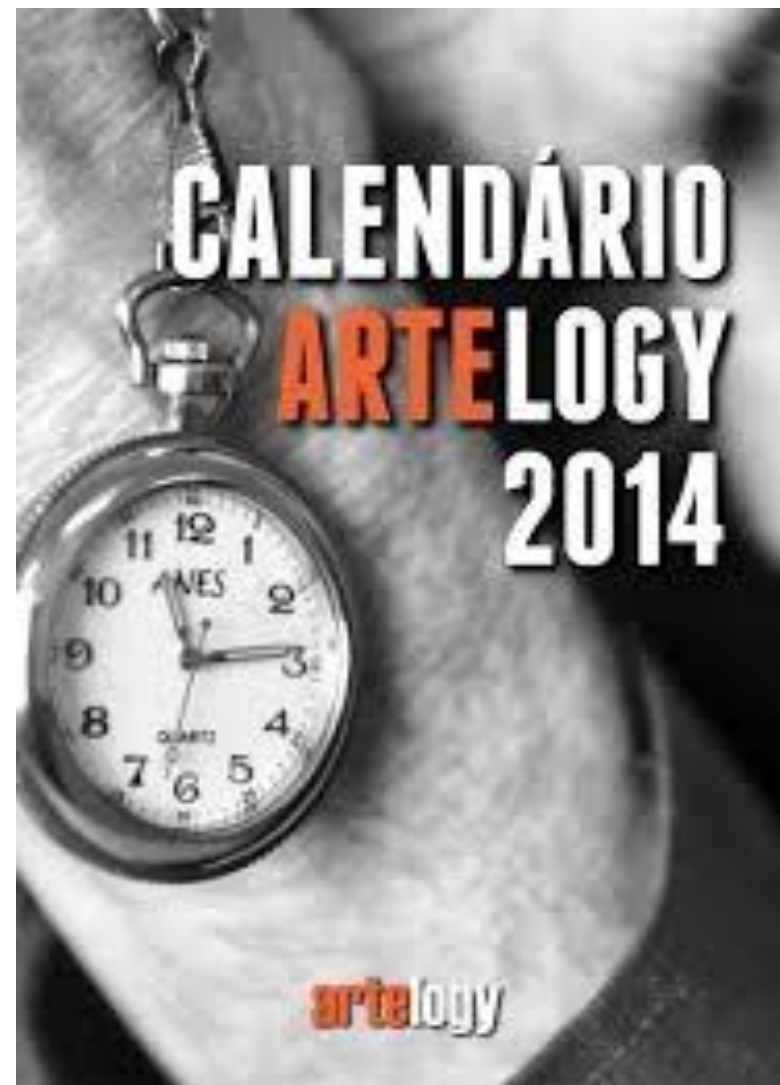
entre o sono e o sonho

Tomo I

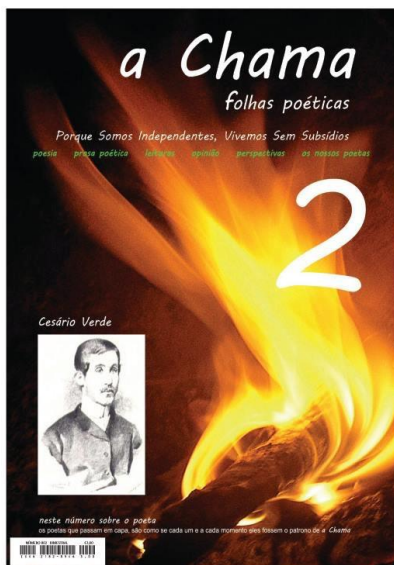


Seleção e Organização de Gonçalo Nuno Martins

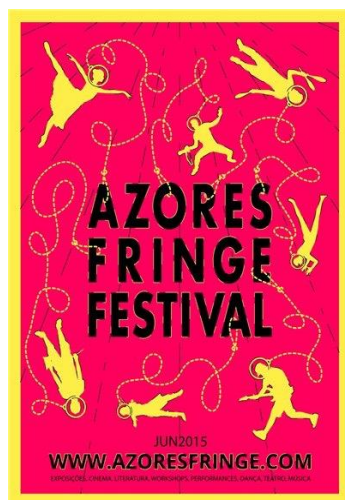
Chiado Editora



Todas as edições em www.lusofonias.net



Tem participado, regularmente, em diversas revistas e jornais literários bem como ministrado vários workshops de escrita criativa, a públicos de diversas idades.



Entre 2013 e 2015, representou e colaborou com o programa EscreViver (n) os Açores;
foi vencedora do concurso de poemas *Calendário Artelogy 2014*;

Tem participado e dinamizado vários eventos, em diversas escolas, com pequenos contos infantis e projeção da leitura como “bem essencial à vida”; e, participa ativamente no *Azores Fringe Festival*.







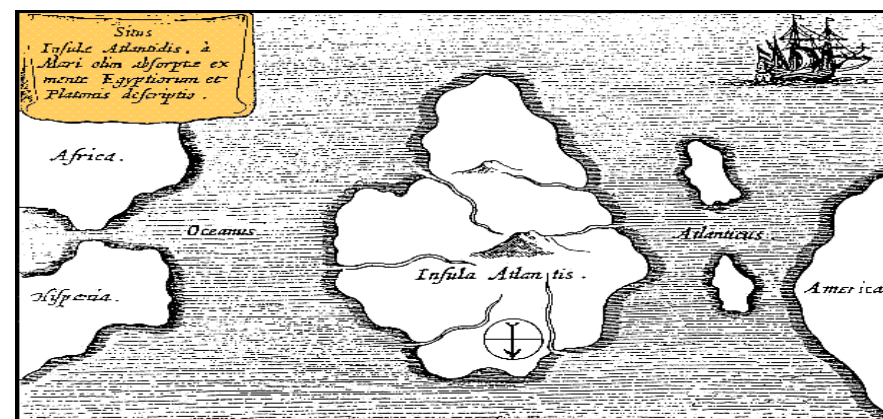


CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

REVISTA DE ESTUDOS LUSÓFONOS, LÍNGUA E LITERATURA, DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

CADERNO Nº # 31 - EDIÇÃO março 2016

DEDICADO A CAROLINA CORDEIRO



CADERNO Nº # 31 - EDIÇÃO março 2016

DEDICADO A CAROLINA CORDEIRO

Todas as edições em linha em <http://www.lusofonias.net>

Editor AICL - Colóquios da Lusofonia

Chrys Chrystello editou este número, Fotos © Carolina Cordeiro

COORDENADORES DOS CADERNOS - Helena e Chrys Chrystello

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)

Editado por  © TM®

COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA –

Revisto em **janeiro de 22**

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115